

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Um verdadeiro educador. Este é o maior galardão que pode um professor receber, em sua vida dedicada ao ensino. Não sem razão, a mais relevante láurea de educação, no Brasil, que é o prêmio “Guerreiro da Educação”, foi, este ano, destinada à figura maiúscula de Evanildo Cavalcante Bechara.

Sua vida é uma história de dedicação ao aperfeiçoamento de gerações e a cultuar a língua portuguesa, aquele idioma que Bilac denominou “a última flor do Lácio” e que Fernando Pessoa declarou ser sua pátria.

Embora de dicionários não conste o substantivo derivado de “cultuar”, ou seja, prestar culto, ousou dizer que Evanildo

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Cavalcante Bechara é um autêntico “cultuador” da língua portuguesa, filólogo dos mais reconhecidos, senão o melhor de todos os que estudaram o nosso idioma para preservá-lo, orientando e reorientando a formatação e a evolução da maneira de expressar de nossos povos.

Sua vida retrata tal dedicação.

Arnaldo Niskier, em brilhante estudo sobre seu perfil, afirma: “Hoje é o maior filólogo brasileiro, na linha dos que o precederam, recentemente, como Antonio Houaiss, Celso Cunha e Antonio José Chedat”. Nessa obra, lembra sua presença na Academia Brasileira de Letras, suas aulas na UERJ, em que “para

ouvi-lo valeria a pena até pagar ingresso”, diversos episódios sobre sua trajetória, inclusive afirmações incisivas como a de que “os professores, mesmo de nível universitário, não conhecem bem a língua e ensinam mal aos alunos”, além da permanente preocupação do Professor Bechara com o futuro do idioma.

Por isso mesmo, sua Gramática da Língua Portuguesa está na 37^a. Edição.

Sendo o 5^o ocupante da Cadeira n. 33 da ABL, nasceu em Recife, em 1929, vindo para o Rio com 12 anos. Sua vocação para o magistério levou-o ao curso de Letras, tendo-se licenciado em 1949 no Instituto Lafayette, hoje UERJ.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Escreveu seu primeiro livro aos 17 anos, “Fenômenos de Intonação”, publicado em 1948. Em 1954, assume a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II. Aprofundou-se, em Madrid, em Filologia Românica, em 1961 e 1962. Doutorou-se pela UERJ em 1964, dirigindo, no mesmo ano, a cátedra de Filologia Românica. Professor em diversas universidades brasileiras e estrangeiras, exerceu os cargos de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia, de 1971 a 1972, e da Universidade de Coimbra, de 1987 a 1989. É Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

São suas obras: A evolução do pensamento concessivo no português (1954), O futuro em românico (1962), A sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964), A contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964), Os estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980), As fases históricas da língua portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização (1985), além da notável Moderna Gramática Portuguesa. Foi orientador de inumeráveis dissertações de mestrado e teses de doutoramento e dirigiu não poucas instituições de renome e repercussão internacional. Pertence à Academia Brasileira de Filologia e é nosso confrade no Pen Clube e na Academia

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Internacional de Cultura Portuguesa, que tem o Professor Adriano Moreira como presidente de honra. Inúmeras são as suas condecorações. Dirigiu a Revista Littera (1971/76) com 16 volumes publicados e a Revista Confluência (com 30 volumes publicados). É membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro.

Apenas para complementar este breve bosquejo de sua biografia, reitero que sua Nova Gramática da Língua Portuguesa está na 37^a. Edição, a demonstrar a notável aceitação desta “bíblia” dos que falam e escrevem em nosso idioma.

Algo, todavia, que me sensibiliza, na pena do Prof. Evanildo Bechara, acadêmico da notável instituição fundada por Machado, é a sua visão humanística da cultura e do mundo. Não é apenas –o que já seria excepcional– um estupendo educador. É, fundamentalmente, um humanista.

Tenho, pessoalmente, particular admiração pelos filósofos gregos, desde os pré-socráticos até aqueles que sucederam à fantástica trindade constituída por Sócrates-Platão e Aristóteles.

Estou convencido de que, neles, a filosofia atingiu o auge da busca da sabedoria, sendo toda a produção posterior, embora rica e

densa, apenas um complemento periférico da busca da natureza humana e de seus caminhos para o saber.

Considero, numa visão pessoal, de que após o pensamento grego, tornou-se impossível governar, como no passado - em que se atribuía a reis, imperadores e faraós uma descendência divina - ignorando o povo, destinatário das leis e do poder.

Roma, somente conseguiu dominar o mundo por 2.100 anos, encerrando seu império temporal apenas com a queda de Constantinopla, por ter absorvido o pensamento grego e instrumentalizado, pela primeira vez, o direito como forma de poder. O

direito anterior aos romanos era imposto por “descendentes” ou “protegidos dos deuses”. O romano, elaborado a partir da “descoberta” do homem pelos gregos, para organizar o poder e o Estado. Graças a ele, as nações e povos conquistados foram integrados ao império gradativamente, sendo-lhes estendida a cidadania e a proteção das leis, e os cidadãos tratados com dignidade superior aos dos impérios asiático e do próximo oriente. E isto só foi possível pela visão descortinada pelos gregos sobre a natureza humana.

Ora, o grande mérito especulativo dos pensadores da Grécia foi exatamente tornar a filosofia, uma ciência do saber humanístico,

encontrando-se, principalmente, em Sócrates-Platão e Aristóteles, este alargar do conhecimento geral, que permitiu ao homem ter mecanismos do conhecimento próprio e da realidade. Os dois maiores pensadores cristãos, Santo Agostinho e São Tomas de Aquino, não ficaram alheios às reflexões de Platão e Aristóteles, respectivamente, em clara demonstração da importância do mundo humanístico por eles despertada. O helenismo serviu de ponto para esta integração futura entre filósofos de variadas formações, como, por exemplo, Averroes e Avicena.

O Professor Evanildo Bechara encarna, exatamente, este espírito abrangente, essas

qualidades de educador universal, que aqueles admiráveis filósofos sinalizaram, alguns séculos antes de Cristo. Trata-se de um humanista, por excelência. Como professor, foi muito além da filologia, do conhecimento do idioma, do escafandrista em busca das profundidades do vernáculo, do cultuador da língua. Sua visão da evolução da linguagem formata, também, uma visão histórica do mundo esculpida por conquistas e idiomas.

Culturalista, filósofo, historiador e notável filólogo, fez por merecer o maior prêmio de educação, no Brasil, que teve, nas outorgas anteriores a mim, notáveis profissionais de variadas áreas do conhecimento, todos eles

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

com um elo em comum com o Professor Bechara: o de serem reconhecidos humanistas.

Num mundo em que tal visão universal da vida perde espaço para os especialistas – vivemos na “era dos especialistas” -, o professor Bechara, como os que me antecederam, preenche uma extraordinária galeria de notáveis sábios, que deixam a marca de suas lições para gerações inteiras de brasileiros.

Por isto, parablenizo o CIEE e O Estado de São Paulo pela feliz escolha, que engrandece esta notável galeria.

Eminente Professor Bechara, esta casa, a que passa a pertencer como membro honorário,

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

rejubila-se por tê-lo entre os seus Guerreiros da Educação. Seja bem-vindo!

a2008-119 discurso recepção bechara